



(Anti)racismo nas redes: uma análise de interações a partir de postagens com conteúdo afrofuturista

(Anti)racism on social media: an analysis of interactions from posts with afrofuturist content

Geane Valesca da Cunha Klein ^{a,*} 

Washington da Silva Batista ^b 

RESUMO: Neste estudo fazemos a descrição analítica de lógicas de interações desencadeadas a partir de postagens fundadas em conteúdo afrofuturista e disseminadas em redes sociais, com o objetivo de analisar como os participantes construíam subjetividades e discutiam questões relacionadas ao racismo e antirracismo. A pesquisa adotou uma metodologia híbrida, combinando pesquisa bibliográfica e netnografia (Kozinets, 2014), para compreender os processos de significação utilizados e as dinâmicas dialógicas desenvolvidas. Os objetivos específicos incluíram conhecer o Afrofuturismo; aplicar conceitos de análise dialógica; identificar papéis dos participantes; observar simetrias ou assimetrias nas relações; observar o cronotopo dos enunciados e analisar o horizonte temático-valorativo. Como base teórica, foram tomados conceitos e discussões suscitadas a partir das obras de Bakhtin e Volóchinov, especialmente *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999) e *Estética da Criação Verbal* (2003) e reverberados por Brait (2008), Stam (2000) e outros. Além disso, o estudo considerou a perspectiva definida como Afrofuturismo por Dery (1994), para a partir dela discutir questões relacionadas à identidade no corpo negro. Ancorada nessa visão sociointeracional da linguagem, a análise destacou a complexidade do eu e do Outro como interlocutores em um movimento dialógico, revelando a potência do diálogo na construção e reconstrução de subjetividades.

Palavras-chave: Análise Dialógica; Afrofuturismo; Antirracismo.

ABSTRACT: In this study we provide an analytical description of the logic of interactions triggered by posts based on Afrofuturist content and disseminated on social networks, with the aim of analyzing how participants constructed subjectivities and how they discussed issues related to racism and anti-racism. The research adopted a hybrid methodology, combining bibliographical research and netnography (Kozinets, 2014) to understand its processes of signification, as well as the dialogic dynamics developed. Specific objectives included learning about Afrofuturism; apply concepts of dialogical analysis; identify participants' roles; observe symmetries or asymmetries in the relationships developed; observe the chronotope of the statements and analyze the thematic-evaluative horizon. As a theoretical basis, concepts and discussions raised from the works of Bakhtin and Voloshinov were taken, especially Marxism and philosophy of language (1999) and Aesthetics of Verbal Creation (2003) and reverberated by Brait (2008), Stam (2000) and others. Furthermore, the study considered the perspective defined as Afrofuturism by Dery (1994) to discuss issues related to identity in the black body. Anchored in this socio-interactional view of language, the analysis highlighted the complexity of the self and the Other as interlocutors in a dialogical movement, revealing the capacity of dialogue for the construction and reconstruction of subjectivities.



Keywords: Dialogical Analysis; Afrofuturism; Antiracism.

^a Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

^b Diretoria de Tecnologia da Informação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Geane Valesca da Cunha Klein. E-mail: geanevalesca@unir.br. Endereço/Address: Campus - BR 364, Km 9,5, Porto Velho – RO, CEP 76801-059.

Recebido em/Received: 31/08/2023; Aprovado em/Approved: 23/11/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)  

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, em um contexto das mídias digitais e redes sociais, há uma profusão de vozes que se tensionam e (re)constróem discursos. De uma maneira não tão democrática como se projetava utopicamente quando nos primórdios da internet, vemos paulatinamente a emergência de movimentos e expressões culturais que buscam reconfigurar as narrativas dominantes e abrir espaço para a construção de subjetividades alternativas. Entre essas expressões, encontramos a perspectiva do afrofuturismo, configurada enquanto um movimento artístico, cultural e estético que propõe uma abordagem inovadora para a imaginação do futuro a partir das experiências e perspectivas da diáspora africana. A escolha desse objeto de estudo se justifica pela sua relevância como movimento que propõe uma visão futurista centrada na experiência negra, rompendo com a perspectiva eurocêntrica dominante. Essa abordagem estimula a reflexão sobre a importância das narrativas afrofuturistas na construção de uma sociedade mais inclusiva, diversa e igualitária.

Ao questionar as narrativas dominantes eurocêntricas, a estética afrofuturista abre espaço e concede voz às perspectivas e experiências advindas da diáspora africana. Isso não ocorre de modo harmônico e pacífico, mas realiza-se em uma zona de conflitos e embates políticos e sociais que se materializam nas práticas linguageiras. Deste modo, consideramos a linguagem segundo a perspectiva bakhtiniana que nos leva a pensá-la como “o local onde os embates políticos são travados tanto pública quanto intimamente (Stam, 2000, p. 31).

Tomamos como fio condutor a abordagem da língua como fenômeno dinâmico inseparável da interação social e do contexto sócio-histórico, consideramos que as práticas de escrita, leitura, veiculação e produção de sentidos relacionam-se à dinâmica da sociedade contemporânea. Assim, a teoria dialógica de Bakhtin nos ofereceu um arcabouço teórico para compreender e analisar essas interações, permitindo refletir sobre os processos discursivos e sociais envolvidos. Seguindo essas diretrizes, procuramos identificar e descrever os papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva em redes sociais em postagens afrofuturistas procedendo a observação das posições assumidas pelos interlocutores através da identificação das vozes, do posicionamento discursivo, das interconexões discursivas e do impacto dos enunciados nas interações discursivas. Em seguida, buscamos identificar e descrever os papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva em redes sociais em postagens afrofuturistas, com vistas a compreender a dinâmica dos discursos e analisar como os interlocutores contribuem para a construção coletiva de significados, promovendo, questionando ou rejeitando as narrativas afrofuturistas.

Para atingir os objetivos, tomamos duas postagens sobre filmes fundados sob a estética afrofuturista e analisamos os desdobramentos que ocorreram nas atividades dialógicas e interacionais ocorridas por meio de comentários, réplicas e tréplicas. Consideramos que essas postagens são dialógicas por darem início a um debate o qual exige que seja tomado um posicionamento pelo leitor, refletindo sua discordância ou concordância configurada enquanto uma resposta endereçada ao autor do texto.

Partimos da hipótese de que nas interações dialógicas desencadeadas a partir de postagens em redes sociais com conteúdos de afrofuturismo, o eu e o Outro se constituem como interlocutores que se engajam na troca de discursos e significados. Nesse sentido, estudamos alguns comentários desencadeados pelas duas postagens acima indicadas. Esses comentários, suas réplicas e trélicas foram analisados tendo em vista compreender os processos de significação tornados possíveis pelas diferentes formações discursivas que sustentam os dizeres neles configurados, discutindo como os projetos antirracistas e de afrofuturismo são discursivizados e analisando como os embates dialógicos são travados a partir dessas materialidades.

Para compor o corpus, operamos buscas por meio de hashtags como #afrofuturismo #povopreto #gentepreta #blackpeople #representatividade #visibilidade. Uma vez selecionadas as postagens, considerando como critério de seleção a interação entre os participantes, passamos a refletir sobre os modos de discursivização mobilizados. Para analisar os fenômenos textuais de natureza social e cultural, utilizamos uma metodologia que combinou discussões sociais com a linguística e a análise dialógico-discursiva. Consideramos ainda a metodologia da netnografia, proposta por Kozinets (2014) como uma ramificação da etnografia que permite analisar o comportamento e as interações de grupos sociais no ambiente online e suas repercussões no offline

DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista explorar o processo de construção de subjetividades a partir da realização de uma análise dialógica de interações transcorridas a partir de textos divulgados em redes sociais e manifestando algum tipo de conteúdo afrofuturista, consideramos conveniente iniciar pela apresentação do significado de ‘afrofuturismo’. Para tanto, recorreremos ao site da Academia Brasileira de Letras, que incluiu ‘afrofuturismo’ no rol das ‘novas palavras’, definindo-o como um

Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história; em geral, obras pertencentes a este movimento procuram retratar um futuro grandioso, caracterizado tanto pela tecnologia avançada quanto pela superação das condições determinadas pela opressão racial, dentro do contexto da vivência africana e diaspórica. (Academia Brasileira de Letras, 2021, [online]).

É interessante destacar a complexidade do cronotopo afrofuturista, em que diferentes temporalidades e espaços são entrelaçados. O afrofuturismo, como movimento cultural e estético, proporciona a criação de mundos futuros imaginários, a ressignificação do passado e a reconfiguração do presente. Essas noções heterocroniais e heterotópicas enriquecem as narrativas, permitindo a exploração de novas possibilidades e a afirmação de diferentes formas de identidade afrodescendente, sobretudo distantes daquele lugar a que foram condicionadas por força do eurocentrismo.

As produções que pertencem ao movimento afrofuturista vislumbram um futuro próspero, com protagonismo e empoderamento, e com força suficiente para superar as opressões geradas pelo racismo. Como destaca Lu Ain Zaila:

Essa pequena palavrinha esconde uma complexidade enorme, mas vamos simplificar por ora. Tem a ver com a presença de pessoas negras em lugar de protagonismo, não apenas fisicamente, mas cultural e musicalmente. Esse é um movimento artístico e estético que se expande por vários níveis, indo da pintura e arte experimental ao cinema, e na literatura. Nós queremos que nossas faces também salvem o dia, a humanidade, o universo, ou que apenas vivam um romance ou contêm uma história engraçada. Mas sempre com um viés consciente de seu lugar no mundo, em algum nível. (2019, [online]).

O termo foi criado em 1994 por Mark Dery que conduziu uma entrevista com os artistas negros Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Delany. Dery demonstrava incômodo pelo fato de que em um país com uma produção literária negra histórica e social considerável, poucos autores negros participavam de publicações com conteúdos de ficção científica, como por exemplo Samuel R. Delany e Octavia Butler, e se perguntava: “por que tão poucos afro-americanos escrevem ficção científica. Ele destaca seu incômodo com a ausência de autores negros na ficção científica, dizendo:

Isto é especialmente desconcertante à luz do fato de que os afro-americanos [...] habitam um pesadelo de ficção científica em que campos de força de intolerância invisíveis, mas não menos intransponíveis, frustram seus movimentos; as histórias oficiais desfazem o que foi feito; e a tecnologia é muitas vezes aplicada aos corpos negros (a marca, a esterilização forçada, o experimento Tuskegee e os tasers vêm prontamente à mente). (Dery, 1994, p. 180, tradução nossa).

Em seu movimento de reflexão que antecede a fala dos entrevistados, Dery (1994) sugere a criação do termo ‘afrofuturismo’ como uma forma de direcionar a expressão artística, especialmente na ficção especulativa. Ao mesmo tempo em que propõe o termo, Dery questiona se é possível para essa comunidade, cujo passado foi apagado intencionalmente, competir com os tecnocratas, futurólogos, projetistas e designers, que, em sua maioria, são brancos e já controlam a narrativa do futuro na cultura popular. Para ilustrar sua preocupação, Dery cita exemplos de representações de futuros em filmes como *Metropolis* de Fritz Lang, ilustrações de ficção científica de Frank R. Paul, ou as visões de futuros tecnológicos na Feira Mundial de Nova York em 1939, as quais indicam como o imaginário público sobre o futuro é predominantemente influenciado por visões brancas da tecnologia e da sociedade (DERY, 1994, p. 180). Embora faça esta ponderação, Dery enfatiza que “as vozes afro-americanas têm outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir. Se existe um Afrofuturismo, ele deve ser buscado em lugares improváveis, constelados a partir de pontos distantes” (1994, p. 182, tradução nossa). Nessa esteira, o afrofuturismo irrompe enquanto uma proposta de espaço no qual as vozes e perspectivas afro-americanas possam contribuir para a criação de futuros alternativos e significativos, distantes das visões tradicionais impostas pela cultura dominante.

Por este motivo, conforme destaca Freitas (2018), ocorre um deslocamento da “cultura literária escrita para outras plataformas de narrativa negra: como a música, as artes plásticas e o cinema”. Nesta seara, a reivindicação principal do afrofuturismo é “projetar não só um futuro possível, mas de tornar o presente possível. O Afrofuturismo insere o negro em um presente em que ele é importante na sociedade” (Coutinho, 2019, p. 20). Essa propositura reflete a noção de que as subjetividades estão em constante processo de transformação, moldadas por interações sociais, históricas e culturais. Assim, as subjetividades afro-americanas ou afro-brasileiras, no contexto afrofuturista, buscam se desvincular das limitações impostas pela opressão racial e redefinir sua relação com o mundo, tanto no presente quanto no futuro.

A perspectiva do afrofuturismo é sobretudo importante no Brasil, devido a perpetuação e naturalização da violência e opressão contra o povo preto, a fim de que suas diversas facetas possam permitir ao jovem negro sonhar com um presente e futuro de mais possibilidades. Ademais, a importância do afrofuturismo transcende as fronteiras da comunidade negra, pois ele oferece uma visão de um mundo melhor, mais inclusivo e diversificado para todas as pessoas. Ao desafiar as estruturas de poder e questionar as normas predominantes, o afrofuturismo promove a reflexão sobre a sociedade como um todo, incentivando a busca por um futuro em que a equidade racial seja a norma, não a exceção. Para tanto, é importante compreender que

[...] há uma multiplicidade de processos que modelam a subjetividade e que ela não é passível de totalização, tampouco reduz-se à individuação do corpo, compreende-se que tais processos não se dão no interior dos indivíduos enquanto corpos, mas referem-se aos diversos entrecruzamentos e atravessamentos de relações de forças. Assim, o modo pelo qual os sujeitos são capturados por estas relações de forças implica em uma determinada forma de subjetivação.

Levando o acima exposto em consideração, procuramos observar a complexidade das ações linguísticas do sujeito, destacando que o uso da linguagem abrange não apenas a comunicação, mas também a construção e a negociação de significados em diferentes contextos socioculturais. Neste sentido, convém destacar as diversas dimensões das ações linguísticas, a fim de ponderar sobre o modo pelo qual as práticas de linguagem influenciam a forma como vemos o mundo, como construímos nossa identidade e como perpetuamos ideologias e utopias. Para tanto, evocamos aqui o pensamento de Geraldí, para quem

(...) no agenciamento dos recursos expressivos que o [sujeito] mobilizam e ele [o sujeito] mobiliza, há ações que se realizam com a linguagem (avaliar, persuadir, informar, divertir, convencer, doutrinar, seduzir, etc.), há ações que se realizam sobre a linguagem, criando novos recursos expressivos a partir daqueles já existentes (especialmente através dos processos metafóricos e metonímicos, mas também através de paráfrases, paródias e mesmo utilizando-se da produtividade dos processos de formação de palavras e dos processos de estruturação sintática), e há ações da linguagem que delimitam sistemas antropoculturais de referência através da estrutura categorial, estilo de pensamento

socialmente condicionado, incluindo ideologias e utopias, que internalizamos nos processos interativos de que participamos(...). (Gerald, 1996, p. 20-21).

Como vemos, a primeira dimensão destaca a ação que se realiza com a linguagem e envolve o uso estratégico de recursos expressivos para atingir objetivos específicos. Por exemplo, na persuasão, o sujeito utiliza argumentos e recursos retóricos para convencer o interlocutor de sua perspectiva; já na informação, a clareza e a objetividade são essenciais para transmitir dados de maneira eficaz. A segunda dimensão ressalta a ação que se realiza sobre a linguagem, e isso envolve a criação de novos recursos expressivos a partir daqueles já existentes. Aqui podem ser citados os processos metafóricos e metonímicos que permitem estender o significado das palavras, transpondo e derivando sentidos, bem como as paráfrases e as paródias, que podem ser usadas para reinterpretar ou subverter o significado de um texto ou discurso. A terceira dimensão refere-se às ações da linguagem que delimitam sistemas antropoculturais de referência e nunca é neutra; ela reflete e perpetua ideologias, valores e utopias. Assim, a estrutura categorial, o estilo de pensamento socialmente condicionado e as ideologias que sustentam tudo aquilo que pode ser dito ou interpretado nos processos interativos afetam a maneira como o sujeito vê o mundo e se relaciona com os outros.

Segundo a perspectiva bakhtiniana, o “Eu” se constrói por meio da interação com o Outro e ambos são entidades dialógicas, que se influenciam mutuamente na produção de sentidos e significações. Aqui vale lembrar que “não se usa a língua de forma neutra; mesmo que o enunciador tente se “apagar” (como pode ocorrer em certos gêneros do discurso), aquilo que ele diz sobre determinado tema sempre ressoa uma cadeia de outros dizeres que se confrontam, se reafirmam, se tensionam”. (Klein; Khalil, 2022, p. 216).

Em qualquer enunciado, independentemente da forma de expressão verbal na qual se realiza, para além das palavras aparentes, explicitamente faladas ou escritas, podemos ver as "palavras do outro", sempre presentes, embora nem sempre facilmente identificáveis. Essa interação de vozes pode ser complexa e sutil, às vezes revelando-se apenas de maneira vaga ou indireta. Deste modo, quaisquer palavras ditas ou escritas estão permeadas por camadas de significado, recebendo influências individuais advindas das experiências singulares de cada sujeito e sofrendo impactos decorrentes das interações dialógicas que moldam a compreensão e a riqueza das trocas verbais. Conforme Bakhtin.

Em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilantes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas. (2011, p. 299).

Para compreender a dinâmica dialógica e a complexidade das interações linguísticas e discursivas, é importante considerar a polissemia das palavras, a presença de múltiplas vozes, a interatividade entre os discursos e a diversidade linguística e cultural, a fim de

desvelar as nuances e as camadas de sentido presentes nos discursos e a compreender como os significados são construídos e negociados nas interações comunicativas.

Bakhtin (1999), destaca que na prática viva da língua, a consciência daquilo que nós fazemos enquanto interlocutores nada tem a ver com a norma enquanto corpo abstrato. Destarte, “a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística” (Bakhtin, 1999, p. 95). Por conseguinte, a dinâmica da compreensão também vai muito além da mera recepção do texto em sua materialização e de uma ação quase automática de descodificação.

A compreensão da linguagem não é um processo unilateral, mas um ato cooperativo, no qual os falantes e os ouvintes estão constantemente envolvidos em uma dança dialógica e interativa em que todos os envolvidos desempenham papéis ativos e responsivos. Conforme Bakhtin, “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (2003, p. 271). Assim, se a palavra não é um elemento estático e descontextualizado, mas parte viva das enunciações dos locutores em suas comunidades e práticas linguísticas, então temos que aceitar que a enunciação só ocorre no interior de práticas situadas, nas quais os indivíduos socialmente organizados se colocam em relação. Deste modo,

A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto a presente tal ou qual objetivo específico, vê se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que é isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interiorização social de uma comunidade de falantes, dos quais as próprias formas linguísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. (Bakhtin, 1999, p. 147).

Por meio do reconhecimento das vozes do outro e da reflexão sobre as complexidades da linguagem e das interações dialógicas, somos instigados a repensar nossa compreensão do mundo, nossa identidade e nossas utopias. Essa foi a proposta basilar do estudo: analisar as interações e construções de subjetividades no contexto do afrofuturismo enquanto movimento cultural e estético que emprega a ficção científica e a fantasia para celebrar a identidade negra e imaginar um futuro de protagonismo e superação das opressões raciais. Alguns dos resultados estão apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas análises de comentários feitos por usuários do Facebook em dois eventos, a saber: uma entrevista que a atriz Viola Davis, que veio ao Brasil para o lançamento do filme “Mulher-Rei”, concedeu à jornalista Maria Júlia Coutinho e foi exibida na edição do fantástico do dia 18 de setembro de 2022, cuja veiculação ocorreu na rede social Facebook, na página <https://l1nk.dev/GuldO>; e uma matéria veiculada

pelo jornal Estadão no dia 19 de setembro de 2022, cujo título é “Viola Davis destaca a importância de uma mulher negra liderar bilheterias”, disponível no link <https://l1nk.dev/FqqzZ>. Para a análise, foram considerados os comentários matrizes e suas réplicas, trélicas ou desdobramentos. Embora em certos momentos alguns participantes tenham apresentado comportamento ríspido, racista e discriminatório, convém salientar que não houve monopólio do tempo nos comentários, caracterizando as interações como simétricas. Ao analisar as interações, observamos diferentes posicionamentos discursivos: alguns interactantes se alinham às ideias e valores afrofuturistas, expressando apoio e identificação; outros questionam, problematizam aspectos ou até rebatem o afrofuturismo e há aqueles que podem apresentar uma posição neutra ou ambígua.

Em um primeiro bloco, o comentário-matriz foi enunciado por E1 e os comentários-respostas foram tecidos por E2, E3, E4. A seta indica o movimento da resposta, se ela é dirigida ao enunciador que teceu o comentário matriz ou se ele se dirige a outros interlocutores que aceitaram participar do diálogo.

E1 – “Eu a admiro. Viola é um exemplo de atriz e pessoa. Ela teve uma vida pobre e sofrida e conseguiu dar a volta por cima. Um exemplo de força.”

E2 → E1 – “mulher branca defendendo negra, tu não vê o CONTRÁRIO”

E1 → E2 – “Você precisa sair da sua bolha para conseguir ver. E mais, sou típica brasileira, a pele saiu “branca”, mas as veias corre o sangue negro, branco e indígena. E eu amo a mistura perfeita que carrego.”

E3 → E1 – “minha querida tem coisas que se diz de uma mulher preta é uma ofensa! Esse seu comentário pode ofender a atriz que já foi pobre! Cuidado ! Vc tem que pisar em ovos!”

E4 → E3 – “comentário irônico, típico cidadão que diz que racismo é mimimi, nada de novo por aqui.”

Como observamos, o Eu e o Outro são entidades dialógicas constituídas na interação. E1 é o “eu”, o enunciador que puxa o diálogo externando admiração por uma atriz negra (Viola Davis), destacando sua trajetória de superação como exemplo de força. Nos comentários-resposta há uma diversidade de perspectivas e identidades que se confrontam. E2, E3 e E4 são o “Outro”, pertencente a diferentes formações discursivas que os levam a proferir diferentes enunciados que marcam posicionamentos sustentadores de visões de mundo. Enquanto E1 tem uma postura de sororidade, E2 incentiva a disputa e rivalidade entre mulheres alegando que “mulher branca defendendo negra, tu não vê o CONTRÁRIO”. Além disso, é possível subentender do enunciado de E2, que E1 estaria reproduzindo um padrão comum de pessoas brancas que defendem pessoas negras somente para parecerem politicamente corretas.

Da resposta a ela direcionada, E1 centra-se mais no aspecto relacionado a cor de sua pele definida por E2 como ‘branca’, adjetivação com a qual ela revela um certo incômodo. E1 entende-se como fruto de uma “mistura perfeita” e retoma o discurso da miscigenação, enunciando que em suas “veias corre o sangue negro, branco e indígena”. Embora E1 tenha a intenção de provocar a desconstrução de estereótipos e preconceitos, sua própria fala acaba permeada por discursos controversos que remetem à idealização do “cadinho das três raças”, suporte fundador do mito da democracia racial.

Em seguida, E3 vale-se da ironia para expressar uma posição de desacordo com E1 e, ao mesmo tempo, mobilizar um discurso que desqualifica a pauta antirracista. A ironia, segundo Bakhtin, é uma figura do discurso que executa um papel especial na interação comunicativa e envolve uma distância entre o que é dito e o que é pretendido pelo enunciador. Conforme Brait (2008, p.140), a ironia funciona como um “[...] jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer”. É importante destacar que esta duplicidade pode levar a ambiguidades e interpretações múltiplas: há uma voz superficial, que expressa o sentido aparente do enunciado, e uma voz subjacente, que revela outro significado e intenções que podem dele ser subentendidas. Quando E3 se dirige a E1 utiliza o termo ‘querida’ ironicamente, sugerindo que o elogio feito por E1 à trajetória de Viola Davis poderia ser interpretado como ofensivo pela própria atriz. Sob a ironia, E3 questiona o ponto de vista de E1 e sugere que ele é ingênuo por ignorar a possibilidade de esse elogio ser visto como reforço de estereótipos e preconceitos. E3 desqualifica a pauta antirracista e sugere que menções a questões raciais ou experiências de discriminação seriam interpretados como “vitimização”, “ofensa” ou “mimimi” (termo utilizado para desacreditar denúncias de racismo como exagero ou drama desnecessário). O enunciado de E4 que se dirige a E3 como um “típico cidadão que diz que racismo é mimimi, nada de novo por aqui”, devolve um enunciado no mesmo tom de ironia mobilizado por E3 a. E4, ao afirmar que não há nada de novo nessa atitude de minimizar o racismo, destaca que esse tipo de posicionamento é comum e reiterado. A seguir, E5 que não participou do diálogo anterior, abre a interação com um comentário que desencadeou respostas de E2 e E6:

E5 → “Ela é perfeita.”

E2 → E5 – “a mídia fez tua cabeça, elogiar NEGRO... tu não vê o CONTRÁRIO”

E5 → E2 “que absurdo vc está dizendo não estou elogiando ela por negra. Ela perfeita. É uma mulher linda. Atriz maravilhosa. Bobagem o que você está dizendo. Sou fã dela, assim como sou fã do Tom Cruise.”

E6 → E5 “ela é inteligentíssima né!!”

E5 → E6 – “muito”

E5 expõe o comentário: “Ela é perfeita”, como um elogio à pessoa da pessoa pública mencionada (Viola Davis), sem quaisquer especificações. No entanto, E2 responde afirmando que a mídia fez a cabeça de E5 para proferir elogios a alguém ‘negro’, destacado em caixa alta. E2 repete praticamente o mesmo enunciado anteriormente proferido no embate com E1, quando havia enunciado que “mulher branca defendendo negra, tu não vê o CONTRÁRIO”. Vemos, portanto, a manutenção de dois discursos que se repetem: 1. o de que a mídia seria responsável por “fazer a cabeça” das pessoas para que elas endossem pautas classificadas, estereotipada e negativamente, como sendo de esquerda; 2. o de que haveria um possível racismo reverso ou inverso, já que sugere a inexistência do contrário (ou seja, negros elogiando brancos). E5 nega essa interpretação e defende seu elogio, enfatizando que a pessoa em questão é perfeita, uma atriz maravilhosa e uma mulher linda. E5 também menciona ser fã dela, assim como é fã de outra figura pública, Tom Cruise (que é homem e branco).

Ao fazer isso, E5 tenta desfazer o estereótipo sugerido por E2, mostrando que seu elogio não se reduz à tonalidade da pele de Viola Davis, mas em tantos aspectos que a

constituem enquanto pessoa e profissional. E6 intervém na conversa com outro elogio à Viola Davis, chamando-a de “inteligentíssima”. Ao mesmo tempo em que a mobilização desta palavra se revela um reforço ao posicionamento de E5, também amplia a dimensão do que seria uma pessoa “perfeita”, não ficando restrita aos estereótipos de beleza que normalmente são mobilizados para avaliar mulheres. E5 responde a E6 concordando com seu posicionamento, inclusive no que se refere à intensidade do atributo.

Apesar de vermos a presença de um discurso preconceituoso na fala de E2, outros enunciadores externaram apoio, reconhecimento e valorização do trabalho da atriz, reconhecendo a riqueza das perspectivas afrofuturistas, demonstrando apoio às lutas por igualdade e valorizando o empoderamento das vozes marginalizadas. Esse tensionamento de discursos que se materializam nos enunciados produzidos nas relações de diálogo desencadeadas pela postagem é permanente, não chegando nunca a um ponto de fechamento. Outro exemplo está nas interações entre E8, E9, E10, E11 e E12, puxadas pelo comentário-matriz de E7.

E7 → “o que lidera bilheteria é filme bom. Pantera Negra nunca lacrou, e foi um dos melhores filmes dos últimos tempos. cinema não tem cota.”

E8 → E7 – “na verdade não, tá cheio de caso de filme ruim que liderou bilheteria.”

E9 → E7 – “exatamente! Na mentalidade distorcida da lacrolândia, a capacidade dos atores com um bom roteiro e equipe com bom recursos, não é o mais importante.”

E10 → E7 – “nem sempre um bom filme é campeão de bilheteria. O conjunto da obra faz o filme. O fato de uma mulher negra ser a grande estrela de um campeão de bilheteria faz sim toda diferença, principalmente num mundo onde ainda existem pessoas que não enxergam ou não querem enxergar que os negros foram e ainda são vítimas de muita discriminação, mas que felizmente a humanidade está evoluindo no sentido de dar a eles o espaço que jamais deveria ter lhes sido negado, pois, são fortes, são guerreiros, são inteligentes, são competentes e são muito, muito dignos! Viva a raça negra! 🍌🍌🍌🍌🍌”

E11 → E10 - “se o conjunto da obra for boa, pode ser protagonista anã, asiática, LGBTQIAwyz+x%÷, indígena, Albino, ruivo...”

E12 → E10 – “mas o filme ainda não é um campeão de bilheteria não 🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻,,só é a maior bilheteria do mês nos estados unidos e não do ano 🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻,,para ser campeão de bilheteria ainda falta muito kkk”

Nos comentários-resposta emergem tanto posições antirracistas e empáticas, quanto posturas que refratam discursos racistas e estereotípias. Nessa trama, vemos a polifonia e heteroglossia, ou seja, a coexistência de múltiplas vozes e pontos de vista no discurso, os quais estão entrelaçadas e em constante interação, formando uma rede de vozes heterogêneas. Como vemos, cada comentário responde direta ou indiretamente ao enunciado anterior, criando uma conversação que constrói significados e sentidos em conjunto. E7 introduz a discussão ao criticar o filme Mulher Rei e compará-lo à Pantera Negra. Em seguida, acrescenta que “cinema não tem cotas” e aciona discursos que tensionam a discussão sobre o sistema que veio sendo alinhavado desde a década de 1990 no Brasil e ganhou estatuto legal em 2012, por meio da Lei nº 12.711, do que decorre suas múltiplas faces, haja vista a apropriação por parte do Estado de um discurso do movimento negro que desencadeia um deslocamento de uma formação discursiva (o movimento) para outra (o Estado). Assim, “quando o governo constrói um discurso “novo” com a ideia de “igualdade racial”, ou seus opositores ao negarem as políticas afirmativas, resgatando o mito da “democracia

racial”, realizam um processo de seleção do que é correto e aceito e se rejeitam mutuamente” (Machado, 2010, p. 79). É isto o que vemos neste embate dialógico.

A interação se desenvolve e E8 responde à E7 discordando do que fora inicialmente afirmado: “o que lidera bilheteria é filme bom. E8 rebate: “na verdade não, tá cheio de caso de filme ruim que liderou bilheteria”. Embora não amplie a discussão, E8 deixa implícito que há muitos fatores envolvidos no sucesso ou fracasso de bilheteria de um filme e abre margem inclusive para que se pense sobre a adjetivação “bom”. E9 encontra no enunciado de E7 o respaldo para seu posicionamento e sarcasticamente refere-se à “lacrolândia” cuja “mentalidade distorcida” não permite ver como mais importante “a capacidade dos atores com um bom roteiro e equipe com “bom recursos”, sugerindo que para os integrantes da “lacrolândia” o fato de ser negro seria o mais importante, senão único, critério qualificador. Convém lembrar que a gíria ‘lacrar’, originada na internet como uma expressão positiva, sinônimo de arrasar ou mandar bem (e sobretudo utilizada por pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+), ganhou uma conotação pejorativa ao ser apropriada para desqualificar pautas sociais e ações de militância política. Em um contexto em que a busca por justiça social e igualdade de direitos ganha destaque, o termo ‘lacrolândia’ se torna um reflexo irônico das resistências enfrentadas por grupos marginalizados.

Além disso, ao definir que as pessoas pertencentes a este agrupamento teriam uma mentalidade distorcida, E7 divide os sujeitos em grupos claramente demarcáveis, tal qual Todorov (1993) indica como sendo o grupo definido como sendo “nós” – “o meu grupo social e cultural” – e o grupo dos “outros” – “aqueles que não fazem parte dele”. Como vemos, E7 e E9 refletem a persistência de preconceitos e estereótipos que resultam no chamado ‘racismo estrutural’, que, por ser estrutural, nem sempre é percebido. A referência à ‘lacrolândia’ e a menção às cotas raciais situam os comentários em uma rede discursiva na qual as vozes não apenas expressam opiniões sobre filmes, mas refletem a construção identitária e as posições sociais dos participantes. Como afirma Miotello:

As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados. E, já que, por sua ubiquidade, se banham em todos os ambientes sociais, as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. Dentro das palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classes (2016, p. 172)

Em resposta à E7 e considerando os demais comentários a ele endereçados, E10 emite uma declaração de apoio à igualdade e ao respeito pelas diferenças. O comentário de E10 finaliza com o enunciado “Viva a raça negra!”, o qual embora tenha sido usado com contornos positivos, também aciona tensões que existem em torno da noção de ‘raça’. Azevedo (2018, p. 186) diz que “na luta contra o racismo uma coisa é assumir uma identidade negra ou afrodescendente, outra coisa é assumir uma identidade de raça”. Isso porque, segundo a autora, “aqueles que se assumem como membros de uma raça, embora militem no sentido do antirracismo, acabam enredados na armadilha de uma antiga categoria científica inventada para justificar a escravidão de africanos nas

Américas e, mais tarde, a segregação formal ou informal dos afrodescendentes” (Azevedo, 2018, p. 186).

No início de seu comentário, E10 havia retomado a discussão que vinha sendo desenvolvida pelos outros participantes sobre o que definiria um filme como sendo ‘bom’ e expressou sua opinião dizendo que “nem sempre um bom filme é campeão de bilheteria. O conjunto da obra faz o filme”. A expressão “conjunto da obra” é retomada por E11 em sua resposta endereçada a E10: “E11 → E10 - “se o conjunto da obra for boa, pode ser protagonista anã, asiática, LGBTQIAwyz+-x%÷, indígena, Albino, ruivo...”. A menção às diversas condições genéticas e sexuais possíveis mostra mais uma face da estereotipia a que os discursos em torno das questões raciais remontam – isto é ressaltado pela sequência de letras e caracteres que não fazem parte da sigla LGBTQIAPN+). Como vemos, a falta de letramento racial e a minimização da vulnerabilidade social da população negra são temas que frequentemente resultam em críticas ou afirmações infundadas.

Transcorrido o tempo de uma semana após a primeira interação a partir do comentário-matriz de E7, outra interação foi observada entre E13 e E10:

E13 → E10 “tenho certeza, que poucas pessoas discordam disso que vc falou. Ou seja, não precisamos de auto-afirmação. Ninguém liga se ela é negra, amarela, azul, roxa, rosa ou bege. Quem vai assistir ao filme, não vai pela cor do protagonista. Vai pelo conjunto dele. Essa narrativa toda, é chover no molhado.”

E10 → E13 “Se esse reconhecimento justo não faz sentido para algumas pessoas, para outras sim, principalmente para as maiores interessadas, que são as pessoas negras, acredito que para a maioria.”

E13 → E10 “puro achismo. É claro que nenhum negro vai achar ruim, não tem motivos para isso, mas também não irá mudar nada na vida dele. Eu sou pardo, filho de negro, neto de negros, e posso afirmar, minha família, pouco se importa com a cor do protagonista. Para a atriz pessoalmente é ótimo, é algo pessoal que ela galgou. Mas essa conquista é PESSOAL!”

Ao retomar o diálogo, E13 reflete vozes anteriores, especialmente a de E10, inicialmente concordando, mas em seguida desviando do ponto central. A dinâmica dialógica revela uma reconstrução e desconstrução de significados, influenciada pelos enunciados anteriores, com alguma subversão de sentidos. Ao concordar inicialmente com E10, E13 desloca o foco do empoderamento e representatividade racial, alegando que “não precisamos de auto-afirmação”. Ao enunciar a partir de um suposto enquadramento no mesmo grupo daqueles que se definem como negros E13 e enunciar a partir desta posição do “nós”, E13 procura dar legitimidade ao que enuncia: “não precisamos de auto-afirmação”. Esse enquadramento não permanece, contudo, quando, logo em seguida, afirma: “Ninguém liga se ela é negra, amarela, azul, roxa, rosa ou bege”. Embora E13 suponha assim produzir uma afirmação universalista, que incluiria a todos sem distinção, também produz uma série de apagamentos e descaracterizações que tem efeito oposto. A comparação com cores aleatórias, como amarelo, azul, roxo, etc., diminui a significância do empoderamento negro, inclusive ridicularizando a situação.

As vozes se respondem na trama enunciativa, se entrelaçando, contrastando, se construindo ou desconstruindo, refletindo não apenas opiniões individuais, mas

identidades, valores culturais e ideológicos presentes na sociedade. Embora aparentemente E13 queira dizer que a questão da raça não é relevante, acaba também por diminuir a luta histórica e a importância do protagonismo negro. Tendo percebido isto, E10 responde enfatizando a importância da representatividade para a comunidade negra e sua luta contra a discriminação. E13 busca se legitimar usando sua própria identidade racial como “pardo, filho e neto de negros”. A aproximação do enunciador em relação ao interlocutor, por meio do estabelecimento de relações de proximidade, parentesco, equivalência de raças ou demonstração de preocupação, visa criar uma conexão mais estreita entre quem fala e quem ouve, com vistas a persuadir, influenciar ou estabelecer uma relação de confiança. É o que acontece quando E13 afirma “Eu sou pardo, filho de negro, neto de negros, e posso afirmar, minha família, pouco se importa com a cor do protagonista. Para a atriz pessoalmente é ótimo, é algo pessoal que ela galgou. Mas essa conquista é PESSOAL!”

Outro aspecto que merece destaque refere-se à palavra ‘pessoal’, escrito em caixa alta e que ativa o discurso definido como da “meritocracia” – sistema no qual as recompensas, benefícios, oportunidades ou posições seriam distribuídos com base no mérito individual, ou seja, nas habilidades, competências, esforços, conquistas e méritos pessoais de cada indivíduo. Ignora-se, contudo, a falta de igualdade de oportunidades no ponto de partida, a possibilidade de favorecimento de determinados grupos sociais e a influência de fatores externos como o acesso a recursos educacionais e econômicos.

O discurso da meritocracia enredado à negação das cotas sociais incide sobre a necessidade de abordar as desigualdades estruturais e sociais que podem influenciar as oportunidades desde o início, delegando apenas ao indivíduo, independente de todos os demais fatores ou circunstâncias, o sucesso ou o fracasso. Ao subestimar as complexidades das barreiras estruturais e sociais que afetam as minorias, desvia-se o foco de discussões cruciais sobre igualdade, diversidade e respeito. A seguir, em um outro movimento dialógico, os participantes continuam a negociar os sentidos das palavras e dos conceitos. E20 questiona o significado de ‘lacrar’, e a resposta a essa questão se desdobra em uma troca de argumentos, desvelando os matizes e interpretações distintas que as palavras podem ter. Além disso, há intertextualidade marcada nos links compartilhados por E21. Vejamos as interações entre E20, E7 e E21

E20 → E7 - “e o que exatamente significa um filme “lacrar”? Faltam filmes com mulheres negras protagonistas, e por isso é preciso fazer mais. Se você me falar pelo menos 5 filmes líderes de bilheteria com protagonistas negras retiro o que disse. Agora se não lembrar, tenta me dar um motivo pra ter tantos filmes “bons” todo ano, tantas atrizes negras excelentes e vc não conseguir pensar em 5.”

E21 → E20 - “<https://cinpop.com.br/12-filmes-com.../...>”

E21 → E20 - “a lista tem 12.. mas como é comum a geração somente veja os filmes atuais...é bem provável que essa pergunta se repita daqui a uns 15 anos..”

E20 → E21 - “estou falando de filmes líderes de bilheteria produzidos recentemente (vamos considerar a última década) e especificamente com mulheres negras protagonistas, como a Viola falou. Se vc contar todos os filmes do mundo e toda história do cinema, lógico que vai achar mais que 12 filmes bons, mas é uma comparação, no mínimo, desleal. Sem falar que nem sempre líder de bilheteria é o melhor filme, estou apenas repetindo as palavras do cara. O fato é simples: Hollywood e grandes indústrias de cinema precisam produzir mais conteúdo estrelando mulheres negras. Relativizar isso é fechar os olhos pra realidade (ou r@cismo mesmo).”

E20 → E21– “bom, esses filmes vc pegou de uma lista, e eu disse da última década, de memória, sendo a grande estrela uma mulher negra e campeões de bilheteria. Mas o primeiro da lista tem 37 anos. Ou seja, nem leu! 🤖 🗨️”

E21 → E20 – Burattini...<https://buzzfeed.com.br/.../estes-sao-os-melhores-filmes...>”

E21 → “homens e mulheres negros de 2010 para cá...há mais homens negros que mulheres negras porque, assim como ocorre com a etnia branca, existem mais histórias em que há protagonismo do homem...o que não quer dizer que, desde que haja uma boa história, não possa ser feita com uma mulher protagonista..o último Mad Max comprova isso....e.eu sei que há racismo...mas acho que foco deveria ser em busca de boas histórias em que o público (que mantém toda indústria do cinema), aceite sem que force a barra....(em vez de criar algo original, vamos fazer a versão feminina, mudar etnia de algo) na maioria das vezes, não dá certo...se houver boas histórias, haverá público..e, por conseguinte, chance para protagonista negra..”

Observamos diferentes perspectivas de representatividade coexistindo e disputando espaço: E20 enfatiza a baixa quantidade de filmes com mulheres negras protagonistas, enquanto E21 tenta relativizar a importância da representatividade argumentando que histórias com protagonismo masculino têm sido mais comuns em geral. A partir de um ponto de vista bakhtiniano, as vozes em um diálogo são influenciadas pela identidade, experiências e valores dos interlocutores: E20 defende a necessidade de reconhecimento e visibilidade das mulheres negras, enquanto E21 pretende trazer uma perspectiva mais ampla, mas que pode ser interpretada como minimizadora da luta por representatividade.

As vozes constroem significados coletivamente, à medida em que os interlocutores respondem, complementam e contestam uns aos outros. A interação entre E20 e E21 reflete as diferentes ideologias e perspectivas presentes na sociedade em relação à representação de mulheres negras no cinema. Essas vozes carregam visões sobre raça, gênero e igualdade, moldando o tom e os argumentos da discussão e demonstrando a complexidade das interações discursivas e como elas refletem não apenas opiniões individuais, mas também questões culturais, sociais e ideológicas mais amplas. O diálogo se torna um espaço em que essas vozes interagem, colidem e constroem significados coletivamente, pois a compreensão e a produção de sentido são influenciadas pelos contextos discursivos e interações entre interlocutores.

Na sequência a seguir, E22 inicia o diálogo expressando seu incômodo com um evento com a presença de uma atriz negra e convidados negros, insinuando que isso é discriminatório contra os brancos e refletindo uma perspectiva que vê a inclusão de grupos minoritários como uma ameaça ou injustiça.

E22 → Eles fazem um evento só com negros e racistas são os outros

E23 → E22 evidentemente, que racistas são os outros! Negros só estão se unindo! Racismo reverso não existe! E tu não é branco

E22 → E23 entendi

E24 → E22 A maioria dos eventos feitas no mundo e no Brasil, são para um público branco e elitista. Ou você nunca viu isso? Ou isso nunca te incomodou? Sobre o evento que tinha artistas negros foi uma festa fechada para Viola conhecer os principais nomes da Cultura Negra no país. Tinha branco no evento sim, só não eram a maioria. E isso incomoda, né?

E22 → E24 me incomoda é falta de dinheiro e ressaca minha filha. Kguei

E24 → E22 E tu nem Branco é, por que te incomodas?

E24 → E22 Qual branco tá sendo oprimido? Fala aí! Mas fala a verdade.

E22 → E24 não é oprimido, é a hipocrisia

E25 → E22 deixa de ser ridículo pra branco tu não serve, te olha no espelho tu é mulato

E26 → E25, ele é negro. Só não é retinto

Embora não haja menção explícita, em E22 está prefigurado o discurso do “racismo inverso” ou “reverso”, que só poderia existir caso a população branca tivesse sido submetida às privações, segregações, explorações, perseguições culturais e maus tratos que a população negra sofreu sob a justificativa da raça, cuja ideia foi criada com vistas a justificar o violento domínio imposto a populações. O enunciado proferido por E22 desencadeia o movimento responsivo-ativo: E23 defende que não existe racismo reverso e assevera “e tu não é branco”. E24 entra na discussão, apontando que a maioria dos eventos no Brasil são direcionados a um público branco e elitista, destacando a falta de representatividade e a importância de eventos que visam celebrar a cultura negra. Além disso, E24 menciona a presença de brancos no evento em questão, questionando a incompreensão de E22 sobre a diversidade no mesmo. Provavelmente o enunciado proferido por E23, e que afirma que E22 não é branco, leva E25 a enunciar em resposta a E22 que “pra branco tu não serve, te olha no espelho tu é mulato”. Embora o enunciado proferido por E25 tenha a intenção de ser contrário ao racismo, demonstra como ele se perpetua por ser estrutural: ao dizer que a pessoa não serve para ser branco, mesmo sem perceber conscientemente, há um indicativo da branquitude como raça superior. Além disso, usa-se a palavra ‘mulato’, que carrega fortes marcas de racismo. E26 quer se engajar na discussão e afirma que E22 é negro, mas não retinto. Isso demonstra como as identidades raciais podem ser percebidas de diferentes maneiras e como a noção de “quem é negro” pode ser complexa.

A interação entre E22 e E24 envolve momentos de desqualificação e ironia, evidenciando as estratégias discursivas para enfraquecer os argumentos do outro. A ironia de E22 ao enunciar “me incomoda é falta de dinheiro e ressaca minha filha. Kguei” ao mesmo tempo em que permite que E22 estabeleça um confronto direto com E24, também coloca E22 em um lugar inabalável em relação aos seus pressupostos. Inclusive ele encerra com a palavra escrita propositalmente em uma forma divergente da ortografia para escapar aos filtros e restrições de uso da linguagem que possam porventura ser utilizados na rede social. Ao enunciar “kguei” (caguei), E22 não só ignora toda a linha argumentativa desenvolvida por E24, mas também indica não se importar com nada que diga respeito a esta pauta e à luta antirracista. E24 retoma o enunciado proferido anteriormente por E23 e o redimensiona, dizendo à E22: “E tu nem Branco é, por que te incomodas?”, em uma tentativa de levar E22 a refletir sobre colorismo ou pigmentocracia, que se refere à discriminação ou preferência por pessoas em função da tonalidade da pele ou em fenótipos. Com este enunciado, E24 aparentemente acolhe a ideia do “racismo reverso” para do interior deste equívoco questionar: (ainda que exista racismo reverso, se tu não és branco, por que te incomodas?”. Como vemos, esta adesão ao discurso do racismo reverso funciona como uma estratégia argumentativa, pois logo em seguida E24 profere o enunciado: “Qual branco tá sendo oprimido? Fala aí! Mas fala a verdade”. Com isto, E24 pretende levar E22 à reflexão sobre a incoerência da ideia por ele defendida e pretende operar uma mudança de comportamento que não ocorre, pois E22 encerra essa trama declarando que os demais enunciadores são “hipócritas”.

A sequência a seguir revela uma luta ideológica em torno de questões de identidade, representatividade e racismo, mostrando que as vozes em diálogo refletem o estresse e as complexidades presentes na sociedade e reforçando a perspectiva segundo a qual o diálogo é uma arena onde as vozes se entrelaçam, se confrontam e constroem significados coletivamente. Vejamos as interações entre E27, E28, E29, E30, E31 e E32:

E27 → "é importante pra uma mulher negra.. e bla bla bla" Imagine outra atriz falando.. é importante para uma mulher branca... e bla bla bla"... pronto.. Ahhhhhh chama a policia! Quem tem raça é cachorro, tom de pele é merito de nada.

E28 → Cavaco Davis.

E29 → Pena que que é uma negra interpretando uma história escrita por brancas.

E30 → Vocês enaltecem a cor da pessoa o tempo todo, ou a opção sexual. A notícia sempre vem assim: MULHER NEGRA CONSEGUIU REALIZAR ISSO. HOMEM NEGRO E HOMOSSEXUAL FEZ A TRAVESSIA DO RIO EM TEMPO RECORDE. Quem realmente está tirando o feito da pessoa para enaltecer sua cor ou sua opção sexual?

Tem que dar a notícia mostrando a cor?

Não poderiam falar do grande trabalho da artista e citar seu nome?

E31 → E30 Os "canhotas" pregam e se apoderam da condicionante da Inversão de valores.

E30 → E31 exatamente

E32 → E30 é justamente essa distinção que causa o racismo. Você está coberta de razão em seu comentário.

Esta sequência revela a persistência de discursos racistas, preconceituosos e desqualificadores. E27 inicia usando sarcasmo para menosprezar a importância do reconhecimento das conquistas das mulheres negras, afirmando que "quem tem raça é cachorro" e apagando a opressão histórica e estrutural que as pessoas negras enfrentam. E28 reforça a narrativa racista de E27 ao substituir o nome 'Viola Davis' por 'Cavaco Davis', por sua redução ao ridículo minimiza a importância da atriz e sobretudo das pautas dos movimentos negros e das demais minorias sociais. Diferentemente de um lapso, E28 pretende produzir um sentido jocoso ao colocar signos em relação de desvio e torção e, com isso, esquiva-se da necessidade de comprovação daquilo a que se refere. Pela graça, o enunciador produz um deslocamento que prescinde da crítica. Embora a eficácia humorística seja subjetiva, pois depende de como cada interlocutor irá considerá-la, tal procedimento

[...] faz a situação pivotar em seu protocolo lógico: de um momento crítico que induziria o processo de comprovação (de avaliação racional com base em provas de tangibilidade consistentes) para um momento de crítica em que, por força da graça, não se avalia nada racionalmente, pelo contrário, é-se levado pelo convite da ridicularização para a ratificação da denúncia pública. (Werneck, 2019, p. 8).

Além disso, observamos uma distorção da história que permite a E29 perpetuar o discurso racista ao insinuar que uma mulher negra interpretando uma história escrita por brancas é motivo de pena. Essa afirmação ignora o contexto histórico e social de opressão que leva à sub-representação de histórias protagonizadas por negros. Em uma linha semelhante, E30 questiona a importância de enfatizar a cor da pessoa ou a orientação sexual em notícias. No entanto, essa linha de argumentação desconsidera o contexto de discriminação e falta de representatividade que muitos grupos enfrentam, especialmente nas indústrias criativas.

Os interlocutores se reforçam nos dizeres colaborando entre si para a deslegitimação de pautas progressistas. Os enunciados de E31 e E32 não apenas endossam o discurso de E30, mas reforçam a ideia de que as pautas progressistas, como a busca por igualdade e representatividade, estão “invertendo valores”. De acordo com E31 “Os “canhotas” pregam e se apoderam da condicionante da Inversão de valores”, sendo aqui mobilizada uma expressão estigmatizada para representar as pessoas que se alinham à chamada esquerda no espectro político brasileira. Ao instituir este grupo do qual ele nitidamente se distancia, define o “outro” ao qual o “nós” em que ele se encaixa define como sendo o grupo que defenderia os valores (morais), enquanto os outros os tomariam de modo invertido. Como vemos, a construção da identidade dos enunciadores ocorre em meio a uma profusão de crenças e valores, arraigados em ideologias. Em síntese, essa sequência segue uma dinâmica de apoio e endosso: a presença de enunciadores que apoiam discursos racistas e preconceituosos demonstra como essas perspectivas podem encontrar eco em grupos que compartilham opiniões semelhantes, amplificando o impacto desses discursos.

Em outro bloco de interações, observamos como discursos aparentemente inclusivos podem minimizar a importância das lutas sociais. Vejamos o diálogo entre E38 e E39:

E38 → Todo SER HUMANO importa!!!!.....essa divisão entre nós é que causa a maioria das nossas desgraças...

E39 → E38 discurso falido....se todo ser humano importasse...99% das maiores estrelas de Hollywood não seriam apenas brancas

E38 → E39 por isso mesmo reafirmo que TODOOOO SER HUMANO IMPORTAAA!, qto mais seres humanos se conscientizarem disso mais respeito acontecerá, sei que é difícil mas é o unico caminho pleno ,utópico pode ser, mas a esperança deve permanecer....e não se deixar falir...

E39 → E38 a divisão JA EXISTE. SEMPRE EXISTIU. Agora é que os negros estão tendo um pouco mais de visibilidade....as diferenças ainda sao ENORMES

E38 → E39 concordo, incluo tb os pobres, gays, enfim todos que não se enquadram no sistema..e sei que "TODOS SERES HUMANOS IMPORTAM" é o caminho mais difícil e mais longo, mas é o único definitivo...

Esta sequência revela o embate entre uma visão idealista e a realidade histórica: E38 apresenta um discurso idealista que propõe que todos os seres humanos são igualmente importantes e que a divisão entre as pessoas é a causa das desgraças. No entanto, ignora-se a história de opressão e desigualdade racial que moldou as estruturas sociais e econômicas ao longo dos séculos. E39 contesta essa visão, trazendo à tona a realidade das maiores estrelas de Hollywood, que em sua maioria são brancas, demonstrando que a igualdade ainda não é uma realidade. Ocorre ainda uma minimização da visibilidade negra: E38 tenta minimizar a importância da visibilidade que os negros estão ganhando atualmente, especialmente através de eventos afrofuturistas. Ele argumenta que a divisão entre as pessoas é o verdadeiro problema, mas essa perspectiva não leva em conta o contexto histórico de discriminação racial que gerou essa divisão. E39 responde a E38, enfatizando que a divisão entre brancos e negros já existe há muito tempo e que os negros estão começando a ter visibilidade. Ele aponta para a realidade das enormes diferenças existentes e a dificuldade de alcançar a igualdade de fato.

Através do confronto de vozes manifestas nos enunciados de E38 e E39, observamos o estabelecimento de uma negociação de sentidos e a construção de um espaço de diálogo. E38 concorda com E39, mas também inclui outros grupos oprimidos, como pobres e gays, no discurso. Entretanto, por meio de um trabalho semântico, essa inclusão mascara uma possível tentativa de diluir a importância das lutas específicas dos negros ao generalizar para todos os oprimidos. Ao longo dessa sequência, E38 utiliza um discurso que, embora pareça inclusivo, busca obscurecer a importância das lutas afrofuturistas e minimizar a gravidade das desigualdades raciais. O enunciador usa palavras como ‘divisão’ e ‘importância igual’ para desviar o foco das questões raciais e históricas subjacentes.

E39 contextualiza as diferenças raciais e reconhece a necessidade de visibilidade para combater décadas de marginalização. Isso destaca a importância de reconhecer a história e o contexto ao discutir questões de representatividade. É interessante notar que, além dos papéis de apoiador e crítico, também existe uma posição ambígua representada por E38. Embora pareça estar apoiando a igualdade, na verdade, esse discurso ambíguo mascara a importância de enfrentar as desigualdades e a luta por justiça social.

Em outros comentários não reproduzidos aqui, o enunciador contrário à causa do Afrofuturismo que estava sendo debatida, posta uma crítica e deixa de interagir neste tópico, o que denota que este quer apenas falar mal e não tem argumentos para um debate saudável. Apesar de ser em menor proporção, observamos casos em que um usuário/a comenta contrariamente, aguarda as respostas e segue debatendo com pessoas de posição contrária para defender seu ponto de vista (que normalmente é uma crítica ao empoderamento do negro/a, ou um ato racista na maioria dos casos). Foi possível observar que em alguns casos em que faltaram argumentos, sobram desrespeito e ocorreram atos de fala descorteses, o que tornou uma troca de posicionamentos em uma interação carregada de conflitos, que em alguns casos resultou na tentativa de inferiorizar o seu oponente com comentários de baixo calão, palavras que tentam negar/inverter o que diz a história sobre a diáspora africana. Sobre o modo descortês de tratar outras pessoas nas redes sociais, Santana (2021) considera ser relevante para entender como as atitudes das pessoas na interação online podem ser moldadas por diversos fatores, incluindo o contexto, as motivações subjacentes e os próprios sentimentos. A descortesia pode surgir quando as emoções estão à flor da pele ou quando as opiniões estão enraizadas em preconceitos arraigados.

CONCLUSÕES

Ao finalizar esta análise das interações em textos midiáticos com conteúdo afrofuturista em redes sociais, torna-se evidente a relevância da teoria dialógica de Bakhtin para compreendermos os processos discursivos e os significados construídos nesse contexto. A abordagem bakhtiniana nos permitiu investigar as relações complexas entre os participantes, os aspectos interativos, a construção de sentidos e os valores presentes nessas interações.

Através das interações, observamos como o eu e o Outro se constituem em um movimento dialógico, no qual diferentes vozes, perspectivas e experiências se encontram, se confrontam e se entrelaçam. O diálogo, como elemento fundamental, revela-se como uma potente ferramenta de construção e reconstrução das subjetividades, permitindo que os participantes expressem suas visões de mundo, compartilhem conhecimentos e construam significados coletivamente.

No contexto afrofuturista, destaca-se a importância de dar voz às experiências e perspectivas da comunidade afrodescendente, bem como combater a discriminação e o racismo estrutural. Os enunciados produzidos nas interações revelam tanto um horizonte temático-valorativo antirracista, voltado para a valorização da cultura africana, o empoderamento negro e a luta por justiça social, quanto a presença de discursos e comportamentos que remetem a condutas racistas e excludentes.

Em outros comentários que não reproduzimos aqui, o enunciador contrário à causa do Afrofuturismo que estava sendo debatida, posta uma crítica e deixa de interagir neste tópico, o que denota que este quer apenas falar mal e não tem argumentos para um debate saudável. Apesar de ser em menor proporção, observamos casos em que um usuário/a comenta contrariamente, aguarda as respostas e segue debatendo com as outras pessoas de posição contrária para defender seu ponto de vista (que normalmente é uma crítica ao empoderamento do negro/a, ou um ato racista na maioria dos casos).

Foi possível observar que em alguns casos em que faltaram argumentos, sobraram desrespeito e ocorreram atos de fala descorteses, o que tornou uma troca de posicionamentos em uma interação carregada de conflitos, que em alguns casos resultou na tentativa de inferiorizar o seu oponente com comentários de baixo calão, palavras que tentam negar/inverter o que diz a história sobre a diáspora africana.

Por fim, é fundamental reconhecer que as interações em redes sociais são espaços dinâmicos e multifacetados, em cujo interior ocorrem disputas de sentidos, negociações e transformações. A análise dialógica do discurso nos possibilita compreender as múltiplas vozes presentes nessas interações, destacando a importância de promover um diálogo respeitoso, inclusivo e empático, capaz de construir uma sociedade mais justa, igualitária e livre de discriminação.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Nova Palavra* [em linha]. 6. ed., 2021. [acesso em 10 de agosto de 2022]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>

ALVES, Érica Fernandes; FERREIRA, Geniane Diamante. O corpo negro como lócus da negação da identidade. *Graphos*. v. 20 n. 2, 2018: Imagens da Mulher no Ocidente. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2018v20n2.44131>

- BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV, Valentin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Viera com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec (Trabalho original publicado em 1929), 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2.ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2008.
- COUTINHO, E. M. S. *Vozes da diáspora africana: o Afrofuturismo em uma proposta didática para aulas de espanhol [em linha]*. [Acesso em: 03 nov. 2023]. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/files/2020/12/ELISACOUTINHO2018TCC.pdf>
- DERY, M. “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. In: *Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham, NC: Duke University Press, 1994.
- FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Das Questões*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. [em linha]. [Acesso em: 03 nov. 2023]. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>.
- FREITAS, Kênia. *Space is the place: Sun Ra, o mito no cinema*. Site MULTILOT[em linha]. 12/04/2018. [Acesso em: 03 nov. 2023]. Disponível em: <https://multiplotcinema.com.br/2018/04/space-is-the-place-o-mito-no-cinema/>.
- GERALDI, João Wanderley. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz (Orgs.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1996.
- KLEIN, Geane Valesca da Cunha; KHALIL, Lucas Martins Gama. Bases para a noção de interdiscurso: o dialogismo e as formulações do interdiscurso nos estudos enunciativo-discursivos. In: JESUS, Sérgio Nunes de; FERRAREZI JUNIOR, Celso (Orgs.). *Pilares da teoria dialógica do discurso: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais)*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MACHADO, Fabiano Duarte. *Os limites do discurso da igualdade racial no Brasil*. Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2010.
- STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Traduzido por Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- WERNECK, Alexandre. Política e ridicularização: uma sociologia pragmática da “graça” da crítica em cartazes das “Jornadas de Junho”. *Interseções* [online], 18

dezembro de 2019. [Acesso em 04 agosto 2023]. Disponível em:
<http://journals.openedition.org/intersecoes/583>

ZAILA, Lu Ain. Afrofuturismo: uma pequena palavra e uma grande complexidade cultural para a negritude. 05 de dezembro de 2019. [Acesso em 04 agosto 2023]. Entrevista concedida à página Fórum Grita Baixada. Disponível em:
<https://www.forumgritabaixada.org.br/entrevista-do-mes-lu-ain-zaila>.